

## OLHARES DOCENTES

# Olhar histórico-social do povo Munduruku<sup>1</sup>

**Jonathan Machado Domingues**

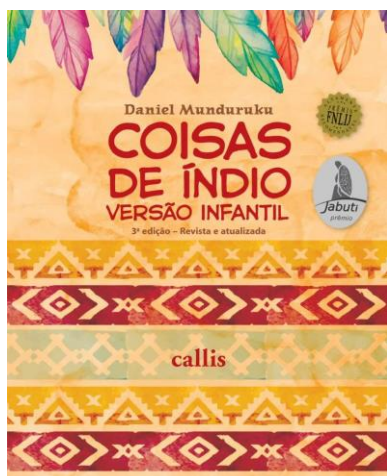
Graduando de Pedagogia – UERJ / Bolsista de Iniciação Científica



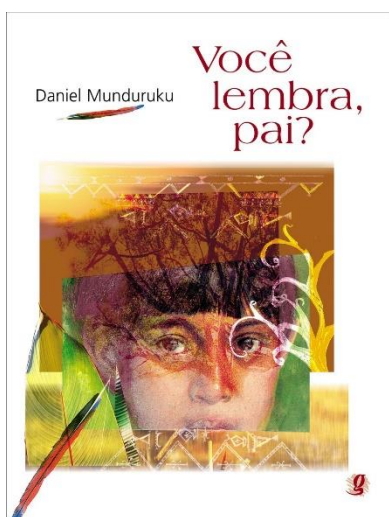
Escritor Daniel Munduruku. Foto: Divulgação

---

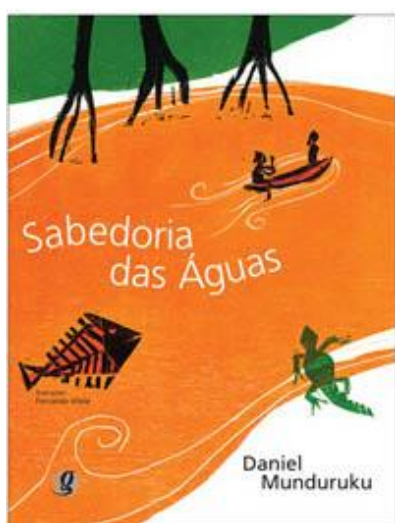
<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito do Curso olhares sobre a resistência, arte, cultura e resistência a partir da literatura indígena brasileira, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2019, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos



Esta tessitura de conhecimento tem como objeto o povo indígena Munduruku. A partir da entrevista de Daniel Munduruku sobre o aspecto da cultura deste povo indígena é possível compreender o aspecto de socialização dos integrantes desta etnia. Ao entrarmos nesta seara, devemos registrar a biografia de Daniel Munduruku para salientar a importância dele no espaço-tempo. “Escritor prolífico, Daniel Munduruku, nascido em 1964, em Belém do Pará, publicou cerca de 43 livros. Sua obra começa a ser traduzida, sinal de legitimação e reconhecimento de sua qualidade e de sua importância.” (FIGUEIREDO, 2018, p. 296).



Iniciemos ao que se refere ao processo de socialização, no qual, utilizamos para compreendermos este movimento o vídeo “Povos Indígenas – Munduruku”, com o artigo “Eliane Potiguara e Daniel Munduruku: por uma cosmovisão ameríndia” (FIGUEIREDO, 2019). Perceberemos o contato ativo que estes sujeitos sociais possuem com a natureza. Em que Daniel Munduruku, acaba afirmando que a natureza reproduz falas.



Neste olhar, invoco Baudrillard (1968) acerca do "sistema dos objetos", em que o filósofo aborda a pluralidade dos objetos dos homens contemporâneos que se encontram imergidos. Através das instrumentalidades semiológicas é possível a caracterização destes objetos apropriados por esses sujeitos como resultante de funções como de força. Baudrillard (2004) amplifica as ramificações das redes acerca destes objetos que produzem e reproduzem saberes e a utilizar através das apropriações dos objetos culturais que será possível encontrarem as divergências relacionais de objeto - língua.

Além do mais, a partir de Certeau (1975), devemos nos atentar nas leituras acerca do autor, do espaço que o autor fala e para quem o mesmo este a referir. À vista disto, a partir das produções das obras (MUNDURUKU, D.), corroboramos com Figueiredo (2018), a partir de uma análise de uma obra afirma que “faz uma revisão da história e da filosofia ocidental para apontar que os índios não são nem selvagens nem primitivos, que as verdades são muitas” (p. 300), falas assim como, produção de saber para desconstruções de

imagens engessadas que são passadas de geração a geração. Os Munduruku se encontram na região norte (Pará e Amazônia) e Centro-Oeste (Mato-Grosso).



Membros da etnia mundurucu do Tapajós durante assembleia sobre demarcação da Terra Indígena Sawré Maybu, localizada no médio Tapajós, próximo de Itaituba (2014).

Ao que se refere a estrutura da sociedade munduruku "a descendência é patrilinear, isto é, os filhos herdaram o clã do pai, sendo que a regra de moradia é matrilocal, condicionando o rapaz recém casado a passar a morar na casa do sogro, a quem deve prestar sua colaboração nas tarefas de fazer roças, pescar, caçar e todas as demais atividades relacionadas à manutenção da casa, incluindo acompanhar a família nos trabalhos de extração e coleta nos seringais e castanhais" (RAMOS, 2018). Assim sendo, a partir do movimento social, como, educacional dos Munduruku, em que uma das entrevistadas do vídeo cita como uma educação rural devemos buscar uma educação como D'Ambrósio (1996) irá contextualizar como educação para paz. "nosso esforço de contextualizar nossas ações, como indivíduos e como sociedade, num ideal de paz e de humanidade feliz. Como educador procuro orientar minhas ações nessa direção" (p.09) Utilizar a transversalidade neste espaço-tempo, juntamente os saberes da profissão docente (a ensinar, para ensinar), constituiremos uma rede em que de fato irá trazer um avanço para educação do Brasil.



Assembleia de mulheres na aldeia Nova Trairão em junho de 2019, reuniu povos Arapiun, Tupinambá, Kumaruara, *Munduruku do Planalto*, Guarani e Kaiowá. As pautas foram de demarcação das nossas terras aos projetos e ações de fortalecimento do artesanato, da agroecologia, da comunicação e dos direitos. Foto: Rosamaria Loures.

### Referências

BAUDRILLARD, J. **O Sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

D'AMBROSIO, U. **Educação matemática: da teoria à prática**. Campinas: Papirus, 1996. (Coleção Perspectivas em Educação Matemática).

FIGUEIREDO, E. Eliane Potiguara e Daniel Munduruku: por uma cosmovisão ameríndia. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 53, p. 291-304, jan./abr. 2018.

RAMOS, A. Munduruku. In: **Povos Indígenas no Brasil**, 2018. Disponível em: [pib.socioambiental.org/pt/Povo:Munduruku](http://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Munduruku). Acessado em 07 de setembro de 2019.